

INSTITUTO DÉDALUS
PSICOLOGIA ANALÍTICA
TURMA 4

EXCESSO DE VIRTUDE É UM VÍCIO

SANDRA PARIS
CRP 06/78740

AMERICANA, 2022

Excesso de Virtude é um Vício.

É característica própria da psique humana ter uma Sombra, um “Não Eu”, um negativo da imagem de nós mesmos, ou seja, da imagem que queremos vigente em nossa consciência. Frente ao fenômeno da Sombra, estão voltados muitos esforços para que ela não se sobreponha ao Eu, aquele que aceitamos como dentro dos parâmetros aceitáveis à consciência, isto quando esta está se relacionando como o mundo exterior: a sociedade, os vizinhos, a família, os colegas em geral.

Considerando que a psique perfaz, em sua totalidade duas instâncias, uma que é a Consciência e uma outra que é o Inconsciente, sendo este último a fonte e o guardião de todas as possibilidades, tanto as que estão por vir, quanto as que, ciclo após ciclo, se sobrepuseram, ao longo, do que na história da humanidade, a psique humana pôde trazer à experiência, podemos acrescentar à nossa equação aqui, a teoria dos opostos, do pensamento junguiano, psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961).

Sobre a teoria dos opostos, se imaginarmos um segmento de reta, onde em um polo figura um elemento qualquer, que já se estabeleceu na consciência, e que tem sua contraparte, no polo oposto, e portanto no inconsciente, ao aplicarmos isto a um par de opostos específico, como o bem e o mal por exemplo, podemos encontrar a configuração de que o bem na consciência tem o mal como polo oposto no inconsciente.

Além disto, este segmento de reta, está submetido a toda uma dinâmica psíquica, que promove encontros e desencontros, que colocam, na melhor das hipóteses, o elemento da consciência e sua contraparte do inconsciente em diálogo constante; este diálogo busca tanto a ampliação da consciência, quanto a melhor oportunidade de adaptação do elemento do inconsciente, e que portanto está inadaptado às interações com o mundo exterior.

Partindo da perspectiva de que este diálogo busca a boa medida de interação entre as partes, o que no pensamento junguiano, isto pode ser sinônimo de integração da Sombra, didaticamente falando, quando interagimos estamos convidando nosso “eu negativo” para uma conversa, e então, se tudo correr bem, juntos analisarmos se este “eu negativo” terá um lugar para se adaptar à vida na consciência, ou se ele já pode

ser descartado, por não ser mais preponderante, ou ainda se retorna para o “modo de espera” para uma melhor oportunidade de adaptação.

No âmbito do inconsciente coletivo, entendemos que o fenômeno da Sombra, pode ser compreendido como o de uma Sombra Coletiva, e que portanto a integração da Sombra da psique coletiva deve ser considerada como a integração de uma sombra que é nossa, a Sombra da espécie humana.

Com o fenômeno da consciência, que pressupõe uma adaptação de conteúdos do inconsciente, que puderam ser elaborados, integrados e adaptados, o suficiente no sentido de promover um convívio e relacionamento com o mundo exterior, mesmo que em suas mais diversas filosofias, seus princípios variados, suas visões de mundo específicas, que compõem este coletivo em redor do planeta e na história da humanidade, é difícil entendermos e aceitarmos de primeira mão, que o mal de um infrator de princípios, é um mal coletivo, ou seja, que é nosso também.

Procuramos não nos identificar ou nos equiparar a um dito infrator, mesmo porque, com a consciência, não importando em que grau, estamos sujeitos a sanções impostas por esses princípios regentes, ou seja, pelas leis da sociedade.

Da mesma forma, estamos sujeitos à leis impostas pela dinâmica da vida psíquica e portanto se faz prudente manter um olhar, no que diz respeito a encararmos de frente, que este inconsciente é nosso, e que é a Sombra que coloca o Eu numa posição arrogante, quando diz que o mal está somente fora de nós.

Ao nos negarmos, ou negligenciarmos este trabalho analítico e dialético do diálogo entre essas partes, nos negamos o benefício do autoconhecimento e ampliação da consciência do mundo; permanecemos na espiral eterna de vivermos sucessivamente, as consequências de erros já cometidos antes, como por exemplo: a supremacia do branco sobre o negro, do judaico-cristão sobre o pagão, do psicoterapeuta sobre o cliente.

É na sombra que o Eu “acredita” que pode ser melhor do que o outro.

Não raro, em consultório, já lidei com situações, em que meu paciente está tentando se ajustar a uma situação desconfortável, em que alguém, claramente, o está constringendo, ou o oprimindo, sem assumir um posicionamento que possa fazer frente a isto, e quase sempre pagando um preço alto por isto.

A justificativa para isto é de que ele erra também, ele é falível, então não pode apontar o erro do outro. E isso nada tem a ver com a integração e adaptação da sombra na consciência, isto é apenas um ajuste temporário, talvez até para evitar algum confronto, que poderia vir a ser muito positivo nas relações. Seria insuportável ao “Eu” ficar como “o malvado” da história. O “outro” está me prejudicando, mas devo compreender para não ser “mal”, ou para passar por mais forte e caridoso.

Porém estas são ideias aprendidas, condicionadas que não garantem, que de um modo pessoal, você integrará a sombra em benefício do coletivo. Uma lei, tanto a lei dos homens como a lei divina, deve ter o peso de uma verdade. É a isto que estou chamando aqui de: “Excesso de virtude também é um vício.” Porque o diálogo interno busca uma medida entre os opostos e não uma disputa de poder entre o bem e o mal.

Um fragmento de um sonho que trabalhei em consultório, também aponta para um “Eu onírico”, que lança mão de um “Eu muito correto”, e que está tentando silenciar e por ordem, com o uso da força, todos os outros elementos que buscam se manifestar na consciência.

O Eu onírico está em uma mesa, reunido com familiares onde vão discutir algo específico de sua relação familiar, com um médico, de sua confiança. Ao seu lado esquerdo estão familiares próximos e ao seu lado direito, familiares distantes. Do ponto de vista do Eu onírico, os familiares parecem não ter o mesmo respeito pelo médico, que permanece concentrado, enquanto os familiares estão num falatório desordenado, o eu onírico reage batendo forte na mesa, como alguém que chama a atenção para pedir respeito.

Guardados os infinitos desdobramentos que um sonho pode trazer, quero firmar meu olhar, somente, no eu onírico que bate na mesa. Trazendo uma citação do pensamento junguiano, como forma a ilustrar o que estou tentando expressar, segue o trecho:

... A psicologia onírica nos mostra, com toda a clareza, que os complexos aparecem de *forma personificada*, quando são reprimidos por uma consciência inibidora, do mesmo modo como o folclore descreve os duendes que, de noite, fazem barulheira pela casa. (Jung C. G. OC 8/2 § 203)

Minha proposta é de que corajosamente, possamos lançar mão e contar com aliados como a psicologia analítica, para quando somos exigidos a encarar uma nova adaptação na consciência, para quando necessitamos do direcionamento que o

autoconhecimento pode dar à vida psíquica, em todas as vezes em que lidamos com esses “duendes” brincalhões, que nos assombram enquanto espécie, e que nos apressamos em dizer, que isto tudo pertence só lá ao outro, só pertence àquele que é diferente de mim. Por diversos motivos tentamos nos apartar de entender que enquanto inconsciente coletivo estamos todos conectados.

Me permitam por favor, mais uma vez trazer por referência uma citação de Jung em que espero estar amarrando as ponderações do pensamento que busquei expressar aqui:

Hoje em dia podemos considerar como mais ou menos certo que os complexos são *aspectos parciais da psique dissociados*. A etiologia de sua origem é muitas vezes um chamado *trauma*, um choque emocional, ou coisa semelhante, que arrancou fora um pedaço da psique. Uma das causas mais frequentes é, na realidade, um *conflito moral* cuja razão última reside na impossibilidade aparente de aderir à totalidade da natureza humana. Esta impossibilidade pressupõe uma dissociação imediata, que a consciência do eu o saiba, quer não. Regra geral, há uma inconsciência pronunciada a respeito dos complexos, e isto naturalmente lhes confere uma liberdade ainda maior. Em tais casos, a sua força de assimilação se revela de modo todo particular, porque a inconsciência do complexo ajuda a assimilar inclusive o eu, resultando daí uma *modificação momentânea e inconsciente da personalidade*, chamada *identificação* com o complexo. Na Idade Média, este conceito completamente moderno tinha um outro nome: chamava-se *possessão*. Provavelmente, porém, não há diferença entre um lapso corrente de linguagem causado por um complexo e as disparatadas blasfêmias de um possesso. Há apenas uma *diferença* de grau. A história da linguagem nos fornece também abundantes provas em abono desta afirmação. Quando alguém está sob a emoção de algum complexo costuma-se dizer: ‘Que foi que lhe aconteceu hoje?’, ou ‘Está com o diabo no corpo!’ etc. Ao usar estas metáforas já um tanto gastas, naturalmente não pensamos mais em seu significado original, embora este seja ainda facilmente reconhecível e nos mostra, indubitavelmente, que o homem mais primitivo e mais ingênuo não ‘psicologizava’ os complexos perturbadores mas os considerava como *entia per se* (entidades próprias), isto é, como *demônios*. A ulterior evolução da consciência gerou tal intensidade no complexo do eu ou da consciência pessoal, que os complexos foram despojados de sua autonomia original, pelo menos no uso linguístico comum. Em geral se diz: ‘Tenho um complexo’. A voz admoestadora do médico diz à paciente histérica: ‘Suas dores não são reais. *A senhora imagina o que sofre*’. O medo da *infecção* é aparentemente uma fantasia arbitrária do doente, em qualquer caso procura-se convencê-lo de que ele está remoendo uma ideia delirante. (Jung Carl Gustav OC 8/2 § 204).

O autoconhecimento, é um bom aliado para se alcançar uma condição razoável de nosso ser mais autêntico, e oxalá, isto possa nos colocar em posição de evitar aquela ressaca psicológica e moral do dia seguinte, que tenta justificar nossos tropeços com falas como: “eu estava só brincando”, ou “eu estava fora de mim”, ou “nem parecia que era eu”, ou “eu estava possuído”, ou “Releve! É só o jeitão da madeira.”, ou “Porque se preocupar com a destruição de uma floresta, no que isto te afeta!?” que

infelizmente, lançamos mão, para justificar o que na verdade é uma responsabilidade pela nossa vida psíquica enquanto espécie, que depende da vida no planeta como um todo.

Sandra Paris

CRP 06/78740